Volume II

Sexta Parte – 6

Momentos de Profunda Tristeza e reencontro com a Duquesa das Torres, agora só do outro lado

Eu havia perdido toda a vontade de sonhar.

Por fim, uma tarde, um desejo nostálgico estranho, inexplicável e avassalador se apoderou de mim ao ver mais uma vez o Mare d'Auteuil – apenas uma vez; caminhar ali pela última vez através da Chaussée de la Muette e pelas fortificações.

Isso cresceu em mim até que se tornou uma tortura esperar pela hora de dormir, tão frenética era minha impaciência.

Quando finalmente chegou a tão desejada hora, deitei-me mais uma vez (o mais perto que pude com minhas amarras) na antiga posição que não tentava há tanto tempo; minha vontade estava voltada para a Porte de la Muette, um antigo portal de pedra que separava a Grande Rua de Passy da entrada do Bois de Boulogne – uma espécie de Templo Bar. Foi derrubado há quarenta e cinco anos atrás.

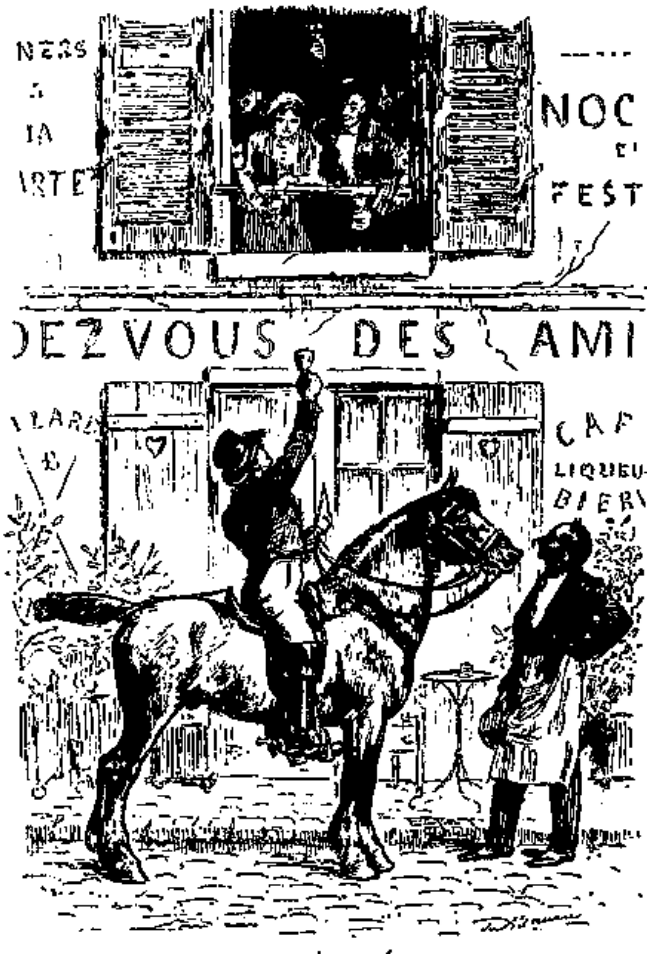
Logo me vi ali, exatamente onde a Rua Grande encontra a Rua de la Pompe, e atravessei o arco e olhei na direção do Bois.

Era um chato dia cinzento no outono; poucas pessoas estavam por perto, mas uma feliz *festa de casamento* estava acontecendo em um pequeno restaurante à minha direita. Era para comemorar o casamento de Achille Grigoux, o verdureiro, com *Félicité Lenormand*, que fora empregada doméstica dos *Seraskiers*. De repente, lembrei-me de tudo isso, e que Mimsey e Gogo estavam na festa – este último, na verdade, sendo o *primeiro padrinho*, a quem logo caberia o dever de roubar a cinta da noiva e cortá-la em pedacinhos para enfeitar as botoeiras dos convidados do sexo masculino antes do baile começar.

Em um arco à minha esquerda, alguns cavalos abandonados e estropiados com velhos rasgos, com o joelho prejudicado e sem fôlego, esperavam pacientemente, selados e freados, para serem alugados – Chloris, Murat, Rigolette e outros: eu sabia e tinha

montado todos eles há quase meio século. Pobres sombras de um passado morto há muito tempo, tão realistas, reais e patéticas – “me partiu o coração” vê-los!

Um jovem e bonito mensageiro de casaco azul e botões de prata chamado Lami veio trotando de St. Cloud em um cavalo ruano[1], com um grande tilintar dos sinos de seu cavalo e estalar de seu chicote de cabo curto. Ele parou no restaurante e pediu uma taça de vinho branco e, erguendo-se nos estribos, gritou alegremente por Monsieur e Madame Grigoux. Eles apareceram na janela do primeiro andar, pareciam muito felizes, e ele bebeu a saúde deles, e eles a dele. Eu podia ver Gogo e Mimsey na multidão atrás deles e me perguntei novamente, como tantas vezes havia me perguntado antes, como pude ver tudo de fora – de outro ponto de vista que não o de Gogo.



Boa Sorte

[1] N.T.: Cavalos de pelagem ruão ou ruano têm pelos brancos intercalados com qualquer outra cor. A cabeça, crina, cauda e pernas têm poucos ou nenhum pelo branco. Um verdadeiro ruão se apresenta desde o nascimento do animal, embora possa ser difícil de ver até que a pelagem do nascimento seja substituída.

Então o mensageiro curvou-se galantemente e disse: "*Boa sorte!"* e foi trotando pela Rua Grande a caminho das Tulherias, e os convidados do casamento começaram a cantar: eles cantaram uma canção começando -

"Era um pequeno navio, Que nunca tinha navegado…."

Eu tinha me esquecido completamente, e ouvi até o fim, e achei muito bonito; e fiquei interessado de uma maneira maçante e mecânica, ao descobrir que devia ser o original da famosa balada de Thackeray de "Little Billee", que só ouvi muitos anos depois. Quando eles chegaram ao último verso -

"Se esta história o incomoda, faremos tudo de novo".

Eu segui meu caminho. Talvez, esta tenha sido a minha última caminhada na terra dos sonhos, e as horas dos sonhos são incertas, e eu iria aproveitá-las ao máximo e cuidar de mim.

Caminhei em direção a Ranelagh, uma espécie de cassino, onde costumavam dar bailes e apresentações teatrais nas noites de domingo e quinta-feira (e onde depois Rossini passou os últimos anos de sua vida; depois foi derrubado, segundo me disseram, para abrir espaço para muitas pequenas vilas modernas).

Na campina em frente ao parque de *M. Erard*, os meninos da escola de *Saindou* brincavam de esconde-esconde – *o baile no acampamento* – do que concluí que era uma tarde de quinta-feira, meio feriado; se eles estivessem usando camisas limpas (o que não era verdade), seria domingo, e o feriado inteiro.

Eu conhecia todos eles, e os dois *piões* ou contínuos, M. Lartigue e *o pequeno Casal*; mas não se importava mais com eles ou os achava divertidos ou interessantes no mínimo.

Em frente ao Ranelagh, alguns velhos homens de carruagem de aluguel matavam pacificamente o tempo com um jogo de *rolhas de cortiça* – retirando uma rolha debaixo de outra rolha – uma rolha mais grossa e dois rolhas mais grossas, há muito tempo fora de moda. É um jogo muito bom, e eu assisti por um tempo e invejei os jogadores mortos há muito tempo.

Próximo havia um pequeno barracão de madeira, ou um galpão, lindamente pintado e esmaltado, e enfeitado no topo com bandeirinhas tricolores; pertencia a duas senhoras idosas, Mère Manette e Grandmère Manette – eram as duas mulheres mais velhas que se tinha conhecimento. Elas se envolviam em muitos negócios e não dariam crédito por um centavo – nem mesmo para meninos ingleses. Diziam que eram imensamente ricas e sozinhas no mundo. Elas devem estar mortas agora! Eu pensei. E eu olhei para elas e me maravilhei com sua vivacidade e pelo prazer que sentiam em viver. Elas vendiam muitas coisas: torrão, pão de gengibre, pentes, aros, tambores, equipamentos para jogos de raquetes; e pequenos espelhos de mão cuidadosamente encadernados em zinco, que podiam abrir e fechar.

Eu me olhei em um desses que estava pendurado do lado de fora; eu estava velho, desgastado e grisalho – meu rosto mal barbeado – meu cabelo quase branco. Eu nunca tinha me visto tão envelhecido em um sonho antes.

Atravessei o portão das fortificações para o Talus externo (que naquela época estava bastante vazio), na direção do Mare d'Auteuil. O lugar parecia muito deserto e sem graça para uma quinta-feira. Foi uma caminhada triste e moderada; minha melancolia não suportava – meu coração estava totalmente partido e meu corpo tão cansado que mal conseguia me arrastar. Nunca antes eu havia conhecido em um sonho o que era estar cansado.

Eu olhei para as famosas fortificações em todos os seus novos tons de rosa, os andaimes mal removidos – alguns deles ainda caídos entre a vala seca – e sorri ao pensar como essas pequenas paredes de tijolo e granito serviriam para manter os alemães fora de Paris por trinta anos depois (vinte anos atrás). Tentei atirar uma pedra na parte estreita e descobri que não conseguia mais atirar pedras; então me sentei e descansei. Como minhas pernas eram finas! e como eu estava miseravelmente vestido – com as velhas calças da prisão, engorduradas, manchadas, esgarçadas e mostrando os joelhos vergonhosamente – e que botas!

Nunca estive maltrapilho em um sonho antes.

Por que eu não poderia, de uma vez por todas, dar a volta para o outro lado e dar uma cabeçada de forma brutal fora daqueles imponentes baluartes e me matar para sempre? Ai de mim! Eu deveria apenas obscurecer o sonho e talvez até mesmo acordar em meu miserável colete de força. E eu queria muito ver o mar mais uma vez.

Isso me fez pensar. Eu enchia meus bolsos de pedras e jogava no Mare d'Auteuil depois de dar uma última boa olhada nele e ao redor. Talvez o choque da emoção, em meu atual estado de fraqueza, possa realmente me matar durante o sono. Quem sabe? Valeu a pena tentar, de qualquer maneira.

Eu consegui levantar e me arrastei até ao mar. Estava deserto, exceto por uma figura feminina solitária, sobriamente vestida de preto e cinza, que estava imóvel, sentada no banco ao lado do velho salgueiro.

Eu andei devagar em sua direção, pegando as pedras e colocando-as nos bolsos, e vi que seus cabelos eram grisalhos e de meia-idade, com sobrancelhas muito escuras, e extremamente alta, e que seus olhos magníficos estavam me seguindo.

Então, quando me aproximei, ela sorriu e mostrou dentes brancos e brilhantes, e seus olhos se enrugaram e quase fecharam ao fazê-lo.

“Oh meu Deus!” Eu gritei; “é Mary Seraskier!”

* * * * *